

O Livro de Urântia

<< [Documento 72](#) | [Partes](#) | [Índice](#) | [Documento 74](#) >>

Documento 73

O Jardim do Éden

73:0.1 (821.1) A DECADÊNCIA cultural e a pobreza espiritual, resultantes da desgraça de Caligástia e da confusão social conseqüente, pouco efeito tiveram sobre o status físico ou biológico dos povos de Urântia. A evolução orgânica continuou a passos largos, a despeito do retrocesso cultural e moral que, tão aceleradamente, se seguiu à deslealdade de Caligástia e de Daligástia. E veio um tempo, na história planetária, há quase quarenta mil anos, no qual os Portadores da Vida em serviço anotaram que, de um ponto de vista puramente biológico, o progresso do desenvolvimento das raças de Urântia estava aproximando-se do seu apogeu. Os administradores Melquisedeqes, compartilhando dessa opinião, prontamente concordaram em aliar-se aos Portadores da Vida para uma petição aos Altíssimos de Edêntia, solicitando-lhes que Urântia fosse inspecionada com vistas a autorizar que fossem despachados, para este planeta, os elevadores biológicos, um Filho e uma Filha Materiais.

73:0.2 (821.2) E porque os Altíssimos de Edêntia haviam exercido a jurisdição direta sobre muitos dos assuntos de Urântia desde a queda de Caligástia e a ausência temporária de autoridade em Jerusém, esse pedido foi feito a eles.

73:0.3 (821.3) Tabamântia, supervisor soberano da série de mundos decimais ou experimentais, veio para inspecionar o planeta e, depois de uma pesquisa sobre o progresso racial, recomendou devidamente que fossem concedidos Filhos Materiais a Urântia. Pouco menos de cem anos depois da época dessa inspeção, Adão e Eva, um Filho e uma Filha Materiais do sistema local, chegaram e começaram o difícil intento de desembaraçar os assuntos confusos de um planeta atrasado pela rebelião e colocado sob a excomunhão do isolamento espiritual.

1. Os Noditas e os Amadonitas

73:1.1 (821.4) Num planeta normal, a chegada do Filho Material, via de regra, prenunciaria a aproximação de uma grande idade de invenções, de progresso material e de esclarecimento intelectual. A era pós-Adâmica é a grande idade científica da maioria dos mundos, mas isso não se deu em Urântia. Embora o planeta tenha sido povoado por raças fisicamente qualificadas, as tribos definhavam em profunda selvageria e estagnação moral.

73:1.2 (821.5) Dez mil anos depois da rebelião, praticamente todos os avanços da administração do Príncipe haviam desaparecido; as raças

do mundo estavam muito pouco melhores do que se esse Filho desencaminhado jamais houvesse vindo para Urântia. Apenas entre os *noditas* e os *amadonitas*, as tradições da Dalamátia e a cultura do Príncipe Planetário subsistiram.

73:1.3 (821.6) Os *noditas* eram os descendentes dos membros rebeldes, do corpo de assessores do Príncipe, o seu nome derivando-se do seu primeiro líder, Nod, que outrora havia presidido à comissão da indústria e comércio da Dalamátia. Os *amadonitas* eram os descendentes daqueles *andonitas* que optaram por permanecer leais junto com Van e Amadon. “Amadonita” é uma designação mais cultural e religiosa do que um termo racial; do ponto de vista racial, os *amadonitas* eram essencialmente *andonitas*. “Nodita” é um termo tanto cultural quanto racial, pois os *noditas* constituíram a oitava raça de Urântia.

73:1.4 (822.1) Existia uma inimizade tradicional entre os *noditas* e os *amadonitas*. Essa hostilidade estava constantemente vindo à superfície, quando a progênie desses dois grupos tentava algum empreendimento em comum. E mesmo mais tarde, nos assuntos do Éden, foi extremamente difícil para eles trabalharem juntos em paz.

73:1.5 (822.2) Pouco depois da destruição da Dalamátia, os seguidores de Nod ficaram divididos em três grandes grupos. O grupo central permaneceu na vizinhança imediata da sua terra de origem, perto das cabeceiras dos rios do golfo Pérsico. O grupo oriental migrou para a região das terras altas de Elam, a leste do vale do Eufrates. O grupo do ocidente situou-se na margem nordeste do Mediterrâneo, local correspondente à costa da Síria e ao território adjacente.

73:1.6 (822.3) Esses noditas acasalaram-se livremente com as raças sangiques e deixaram, atrás de si, uma progênie de qualidade. E alguns dos descendentes dos rebeldes da Dalamátia subsequêntemente juntaram-se a Van e aos seus seguidores leais nas terras do norte da Mesopotâmia. Ali, nas proximidades do lago Van e da região sulina do mar Cáspio, os noditas uniram-se e acasalaram-se com os amadonitas, e foram considerados entre os “poderosos homens de outrora”.

73:1.7 (822.4) Antes da chegada de Adão e Eva, esses grupos — de noditas e amadonitas — eram as raças mais avançadas e mais cultas da Terra.

2. O Planejamento do Jardim

73:2.1 (822.5) Durante quase cem anos, antes da inspeção de Tabamântia, Van e os seus companheiros, da sua sede geral de ética e cultura mundial, situada nos planaltos, haviam pregado o advento de um Filho de Deus prometido, um elevador racial, um instrutor da verdade e um sucessor digno para o traidor Caligástia. Embora a maioria dos habitantes do mundo, naqueles dias, demonstrasse pouco ou nenhum interesse por esse vaticínio, aqueles que estavam em contato próximo com Van e Amadon levaram esse ensinamento a sério e começaram a planejar para receber efetivamente o Filho prometido.

73:2.2 (822.6) Van contou aos seus companheiros mais próximos a história dos Filhos Materiais em Jerusém, sobre o que conhecera deles antes mesmo de vir para Urântia. Ele sabia muito bem que esses Filhos Adâmicos sempre viveram em casas simples, mas encantadoras, em jardins; e propôs, oitenta e três anos antes da chegada de Adão e Eva, que se devotassem à proclamação do advento deles e à preparação de um lar-jardim para recebê-los.

73:2.3 (822.7) Da sua sede nos planaltos, e de sessenta e um assentamentos bem distantes uns dos outros, Van e Amadon recrutaram um corpo de mais de três mil trabalhadores entusiasmados e dispostos, que, em uma assembléia solene, dedicaram-se a essa missão de preparar a chegada do Filho prometido — ou pelo menos aguardado.

73:2.4 (822.8) Van dividiu os seus voluntários em cem companhias, com um capitão em cada uma e um companheiro que servia na sua assessoria pessoal como oficial de ligação, mantendo Amadon como o seu próprio colaborador. Essas comissões todas começaram seriamente os seus trabalhos preliminares e o comitê de localização do Jardim partiu à procura do local ideal.

73:2.5 (822.9) Embora houvessem sido privados de muitos dos seus poderes para o mal, Caligástia e Daligástia fizeram tudo o que lhes foi possível para frustrar e obstruir o trabalho de preparação do Jardim. Contudo, as suas maquinações malignas foram em grande parte contrabalançadas pelas atividades fiéis das quase dez mil criaturas intermediárias leais que trabalharam incansavelmente para fazer com que o empreendimento progredisse.

3. A Localização do Jardim

73:3.1 (823.1) O comitê de localização esteve afastado por quase três anos. Fez um relatório favorável envolvendo três localizações possíveis: a primeira era uma ilha no golfo Pérsico; a segunda, a localização próxima ao rio subsequente ocupada pelo segundo jardim; a terceira, uma longa e estreita península — quase uma ilha — que se projetava para oeste, na costa oriental do mar Mediterrâneo.

73:3.2 (823.2) O comitê foi, quase por unanimidade, a favor da terceira opção selecionada. Esse local foi escolhido, e dois anos foram necessários para transferir a sede cultural do mundo, incluindo a árvore da vida, para essa península no Mediterrâneo. Todos os grupos de moradores da península, exceto um, mudaram-se pacificamente, quando Van chegou com a sua companhia.

73:3.3 (823.3) Essa península no Mediterrâneo tinha um clima salubre e uma temperatura regular; esse clima era estável, devido às montanhas que circundavam o local e ao fato de que essa área era virtualmente uma ilha em um mar interior. Enquanto chovia copiosamente nos planaltos circundantes, raramente chovia no Éden propriamente dito. Todas as noites, porém, vinda da rede abrangente de canais artificiais de irrigação, uma “neblina subiria” e refrescaria a vegetação do Jardim.

73:3.4 (823.4)

A linha do litoral dessa massa de terra era consideravelmente elevada, e o istmo ligando-a ao continente tinha apenas quarenta e três quilômetros de largura na parte mais estreita. O grande rio que banhava o Jardim vinha das terras mais altas da península e corria para o leste através do istmo peninsular até o continente, e daí atravessando as planícies da Mesopotâmia e indo para o mar adiante. Era engrossado por quatro afluentes cuja origem estava nas colinas costeiras da península Edênica e que são as “quatro cabeceiras” do rio que “saía do Éden” e que se confundiram, mais tarde, com os afluentes dos rios em torno do segundo jardim.

73:3.5 (823.5)

As montanhas que circundavam o Jardim eram ricas em pedras e metais preciosos, embora pouquíssima atenção se desse a isso. A idéia predominante era de glorificação da horticultura e exaltação da agricultura.

73:3.6 (823.6)

O local escolhido para o Jardim era, provavelmente, o de maior beleza no gênero em todo o mundo, e o clima era, então, o ideal. Em nenhum outro lugar havia uma localização que se pudesse prestar de um modo tão perfeito a tornar-se um paraíso de expressão botânica. Nesse ponto de convergência, o que havia de melhor na civilização de Urântia estava reunindo-se. Dos seus confins para o lado exterior, o mundo permanecia nas trevas, na ignorância e selvageria. O Éden era o único local luminoso em Urântia; e, por natureza, era um sonho de beleza e logo se tornou um poema de paisagens de glória perfeccionada e singular.

4. O Estabelecimento do Jardim

73:4.1 (823.7) Quando os Filhos Materiais, os elevadores biológicos, iniciam a sua permanência em um mundo evolucionário, o local da sua morada é freqüentemente chamado de Jardim do Éden, porque é caracterizado pela beleza da flora e pelo esplendor da botânica de Edêntia, a capital da constelação. Van conhecia bem esses costumes e por isso cuidou para que toda a península fosse entregue ao Jardim. O pastoreio e a criação de animais foram projetados para as terras contíguas do continente. Da vida animal, apenas os pássaros e as várias espécies domesticadas permaneceriam no parque. As instruções de Van eram de que o Éden deveria ser um jardim, e apenas um jardim. Nenhum animal jamais foi abatido dentro dos seus recintos. Toda a carne consumida pelos trabalhadores do Jardim, durante todos os anos da construção, foi levada até lá dos rebanhos mantidos sob custódia no continente.

73:4.2 (824.1) A primeira tarefa foi construir o muro de tijolos, através do istmo da península. E, uma vez completado o muro, o trabalho real de embelezamento da paisagem e de construção das casas poderia continuar sem obstáculos.

73:4.3 (824.2) Um jardim zoológico foi criado, com a construção de um muro menor, um pouco mais para fora do muro principal; o espaço entre os dois muros, ocupado por todos os tipos de animais selvagens, servia como uma defesa adicional contra ataques hostis. Esse zoológico estava organizado em doze grandes divisões, e

caminhos murados ligavam essas divisões aos doze portões do Jardim; o rio e as suas pastagens adjacentes ocupando a área central.

73:4.4 (824.3) Na preparação do Jardim foram utilizados apenas trabalhadores voluntários, jamais um assalariado foi usado. Eles cultivavam o Jardim e cuidavam dos seus rebanhos para sustentar-se; e contribuições de comida eram também recebidas de crentes das vizinhanças. E esse grande empreendimento foi levado a um bom termo, a despeito das dificuldades que acompanharam a desordem do status do mundo durante esses tempos perturbados.

73:4.5 (824.4) Todavia, não sabendo quando viriam o Filho e a Filha esperados, Van causou uma grande decepção ao sugerir que a geração mais jovem também fosse treinada no trabalho de manter o empreendimento, para o caso de que a chegada deles fosse retardada. Isso pareceu uma admissão de falta de fé, da parte de Van, e provocou problemas consideráveis, causando muitas deserções. Van, porém, persistiu com o seu plano de prontidão, enquanto preenchia os lugares dos que desertaram com voluntários mais jovens.

5. O Lar do Jardim

73:5.1 (824.5) No centro da península edênica, encontrava-se o encantador templo de pedra do Pai Universal, o santuário sagrado do Jardim. Ao norte, a sede administrativa foi estabelecida; ao sul, foram construídas as casas para os trabalhadores e as suas famílias; a

oeste, os terrenos estavam reservados para as escolas propostas para o sistema educacional do Filho esperado, enquanto a “leste do Éden” foram construídos os domicílios destinados aos Filhos prometidos e à progênie imediata deles. Os planos arquitetônicos para o Éden previam casas e terras abundantes para um milhão de seres humanos.

73:5.2 (824.6) No momento da chegada de Adão, embora apenas um quarto do Jardim estivesse pronto, havia milhares de quilômetros de valetas de irrigação terminadas e mais de vinte mil quilômetros de vias e estradas pavimentadas. Havia um pouco mais do que cinco mil construções de tijolos nos vários setores, e árvores e plantas além da conta. Era de sete o maior número de casas que compunham qualquer conglomerado no parque. E, embora as estruturas do Jardim fossem simples, eram bastante artísticas. As estradas e as vias eram bem construídas, e a ornamentação da paisagem, refinada.

73:5.3 (824.7) Os dispositivos sanitários do Jardim eram mais adiantados do que qualquer coisa que houvesse sido feita anteriormente em Urântia. A água, para beber, no Éden era mantida potável por meio da observância rígida de regulamentações sanitárias destinadas a conservar a sua pureza. Durante esses tempos iniciais, muita complicação adveio da negligência dessas regras, mas Van, gradativamente, inculcou nos seus companheiros a importância de não permitir que nada caísse nos reservatórios de água do Jardim.

73:5.4 (825.1) Antes que a rede do sistema de esgotos houvesse sido implantada, os edenitas enterravam escrupulosamente todo lixo ou material em decomposição. Os inspetores de Amadon faziam as suas

rondas todos os dias, à procura de causas possíveis de doenças. Os urantianos só redespertaram a sua consciência para a importância da prevenção de doenças humanas em tempos posteriores, nos séculos dezenove e vinte. Antes da interrupção do regime Adâmico, um sistema coberto de condutos de tijolos para a rede de esgotos havia sido construído, correndo por baixo dos muros e desembocando no rio do Éden, a mais de um quilômetro e meio adiante do muro externo, o menor, do Jardim.

73:5.5 (825.2) Na época da chegada de Adão, a maior parte das plantas daquela região do mundo estava sendo cultivada no Éden. E muitas das frutas, cereais e nozes já haviam sido grandemente aperfeiçoadas. Muitos dos legumes e cereais modernos foram cultivados ali, pela primeira vez, mas dezenas de variedades de plantas comestíveis foram subseqüentemente perdidas para o mundo.

73:5.6 (825.3) Cerca de cinco por cento do Jardim destinava-se a um cultivo altamente artificial, quinze por cento estavam parcialmente cultivados e o remanescente foi deixado em um estado mais ou menos natural, aguardando a chegada de Adão, pois se considerou melhor terminar o parque de acordo com as idéias dele.

73:5.7 (825.4) E, assim, o Jardim do Éden se fez preparado para receber o Adão prometido e a sua consorte. E esse Jardim teria honrado um mundo sob administração perfeccionada e controle normal. Adão e Eva ficaram muito satisfeitos com o plano geral do Éden, embora houvessem feito muitas mudanças nas mobílias das suas próprias moradas pessoais.

73:5.8 (825.5) Embora o trabalho de embelezamento mal houvesse sido acabado na época da chegada de Adão, o local já era uma preciosidade de beleza botânica; e, durante a primeira temporada da sua estada no Éden, todo o Jardim tomou uma nova forma e assumiu novas proporções de beleza e grandeza. Nunca, antes dessa época nem depois, Urântia foi o abrigo de uma exposição de horticultura e agricultura tão completa e de tal beleza.

6. A Árvore da Vida

73:6.1 (825.6) No centro do templo do Jardim, Van plantou a árvore da vida, guardada por tanto tempo, cujas folhas eram para a “cura das nações”, e cujos frutos, por tanto tempo, haviam-no sustentado na Terra. Van sabia muito bem que Adão e Eva também dependeriam dessa dádiva de Edêntia para a manutenção das suas vidas, assim que aparecessem em Urântia na forma material.

73:6.2 (825.7) Os Filhos Materiais, quando nas capitais dos sistemas, não necessitam da árvore da vida para o seu sustento. Apenas quando são repersonalizados nos planetas é que eles dependem desse complemento para a imortalidade física.

73:6.3 (825.8) É possível que “árvore do conhecimento do bem e do mal” possa ser uma expressão, de sentido figurado, uma designação simbólica que abranja uma enorme quantidade de experiências humanas, mas a “árvore da vida” não foi um mito; ela era real e, por

um período longo, esteve presente em Urântia. Quando os Altíssimos de Edêntia aprovaram a designação de Caligástia como o Príncipe Planetário de Urântia e os cem cidadãos de Jerusém como os membros do seu corpo de assessoria administrativa, eles enviaram ao planeta, por intermédio dos Melquisedeqes, um arbusto de Edêntia, e essa planta cresceu e transformou-se na árvore da vida em Urântia. Essa forma de vida não inteligente é nativa nas esferas-sede da constelação, sendo também encontrada nos mundos-sede do universo local e dos superuniversos, bem como nas esferas de Havona, mas não nas capitais dos sistemas.

73:6.4 (826.1) Essa superplanta armazenava certas energias do espaço que são antídotos para os elementos que produzem os efeitos do envelhecimento na existência animal. A fruta da árvore da vida era como uma bateria de armazenamento de uma superquímica, que, quando ingerida, libera misteriosamente a força que o universo tem de prolongamento da vida. Essa forma de sustento era totalmente inútil para os seres evolucionários comuns de Urântia, mas era especificamente útil aos cem membros materializados do corpo de assessores de Caligástia e aos cem andonitas modificados que haviam contribuído com os seus plasmas vitais para o corpo de assessores do Príncipe, e a quem, em retribuição, foi dado tornarem-se possuidores daquele complemento de vida que lhes tornou possível utilizar a fruta da árvore da vida para prolongar, por um tempo indeterminado, as suas existências que, de outro modo, seriam como as dos mortais.

73:6.5 (826.2) Durante os dias do governo do Príncipe, a árvore estava crescendo na terra, no canteiro central e circular do templo do Pai. Quando eclodiu a rebelião, ela foi re-cultivada do seu núcleo central por Van e seus companheiros no seu acampamento temporário. Esse arbusto de Edêntia, em seguida, foi levado para um retiro nos planaltos, onde serviu, tanto a Van quanto a Amadon, por mais de cento e cinquenta mil anos.

73:6.6 (826.3) Quando Van e os seus companheiros prepararam o Jardim para Adão e Eva, eles transplantaram a árvore de Edêntia para o Jardim do Éden, onde, de novo, ela cresceu no adro central circular de um outro templo dedicado ao Pai. Então, Adão e Eva periodicamente compartilharam dos seus frutos para manter a sua forma dual de vida física.

73:6.7 (826.4) Quando os planos do Filho Material foram desencaminhados, não foi permitido a Adão e à sua família levar o núcleo da árvore para fora do Jardim. Quando os noditas invadiram o Éden, foi-lhes dito que se tornariam como “deuses se eles comessem do fruto da árvore da vida”. Para sua surpresa, eles encontraram-na desguarnecida e puderam comer livremente do seu fruto durante anos, mas nada lhes sucedeu; eles eram todos mortais materiais do reino; faltava-lhes aquela dotação que atuava como complemento do fruto da árvore. E furiosos ficaram com a própria incapacidade de beneficiar-se da árvore da vida e, em consequência de uma das suas guerras internas, o templo e a árvore foram ambos destruídos pelo fogo; apenas a parede de pedra permaneceu de pé até

que o Jardim posteriormente submergisse. Esse foi o segundo templo do Pai a desaparecer.

73:6.8 (826.5) E, agora, toda a carne em Urântia deve seguir o curso de vida e morte. Adão, Eva, os seus filhos e os filhos dos seus filhos, junto com os seus coligados, todos pereceram com o correr do tempo, tornando-se, assim, sujeitos ao esquema de ascensão do universo local, no qual a ressurreição nos mundos das mansões ocorre em seguida à morte material.

7. O Destino do Éden

73:7.1 (826.6) Depois que Adão o deixou, o primeiro Jardim foi ocupado variadamente pelos noditas, pelos cutitas e pelos suntitas. Posteriormente, tornou-se a morada dos noditas do norte que se opunham a cooperar com os adamitas. A península, após Adão haver deixado o Jardim, esteve invadida por esses noditas inferiores durante quase quatro mil anos, quando, em consequência da atividade violenta dos vulcões da vizinhança e da submersão da ponte terrestre que ligava a Sicília à África, o fundo do mar Mediterrâneo a leste afundou, levando para baixo das águas toda a península Edênica. Concomitantemente com essa imensa submersão, a linha da costa oriental do Mediterrâneo foi grandemente elevada. E esse foi o fim da mais bela criação natural que Urântia jamais abrigou. O afundamento não foi súbito, várias

centenas de anos foram necessárias para submergir completamente toda a península.

73:7.2 (827.1) Nós não podemos considerar esse desaparecimento do Jardim como sendo, de nenhum modo, resultado de um malogro dos planos divinos nem resultado dos erros de Adão e Eva.

Consideramos a submersão do Éden apenas um acontecimento natural, mas parece-nos que a data do afundamento do Jardim haja sido programada para acontecer por volta da data em que se teriam acumulado reservas tais da raça violeta que fossem suficientes para empreender o trabalho de reabilitar os povos do mundo.

73:7.3 (827.2) Os Melquisedeqes aconselharam Adão a não iniciar o programa de elevação racial e de mistura das raças antes que a sua própria família alcançasse o número de meio milhão de pessoas. Nunca se pretendia que o Jardim fosse a morada permanente dos adamitas. Eles deviam tornar-se emissários de uma nova vida para todo o mundo; eles deviam mobilizar-se para outorgar-se, generosamente, às raças necessitadas da Terra.

73:7.4 (827.3) As instruções dadas a Adão pelos Melquisedeqes implicavam que ele deveria estabelecer sedes raciais, continentais e divisionais que ficariam a cargo dos seus filhos e filhas imediatos, enquanto ele e Eva deviam dividir o seu tempo entre essas várias capitais do mundo, como conselheiros e coordenadores da ministração, de âmbito mundial, da elevação biológica de avanço intelectual e de reabilitação moral.

73:7.5 (827.4)

[Apresentado por Solônia, a seráfica “voz do Jardim”.]